



DIÁRIO OFICIAL
EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 11
Vitória-ES
Agosto de 2012
Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



Há trinta anos morria Alvino Gatti.

Um intelectual, escritor e poeta como poucos.

Páginas 4, 5 e 6

Nesta edição:

*Alexandre Curtiss Pupa Gatti Leonardo Lopes Isabella Muniz Barbosa
Karina de Rezende Tavares Fleury Marcilene Forechi Marcus Neves*

USE E ABUSE

Seja um sócio de carteirinha

Foto: Renato Carniato

“Quem lê sabe mais”. Parece, mas não é uma simples frase de efeito. É uma verdade universal. E toda hora é hora de aumentar o nível de seus conhecimentos. Tomada esta decisão, dirija-se a uma biblioteca pública. Uma montanha de livros, abrangendo uma infinita gama de assuntos vão lhe proporcionar, além do saber, muito, mas muito prazer.

Um destes generosos endereços fica na avenida João Batista Parra, 165 – Praia do Suá, em Vitória. A Biblioteca Pública do Espírito Santo, fundada em 1855, é a quinta biblioteca do gênero implantada no país. Além de oferecer espaço adequado para leitura e pesquisa, a BPES também oferece serviço de empréstimo domiciliar. O leitor pode tomar emprestado até dois livros, por vez, e tem prazo de devolução de até quinze dias. Empréstimo este que pode ser renovado por igual período. Para tanto basta preencher um cadastro, apresen-

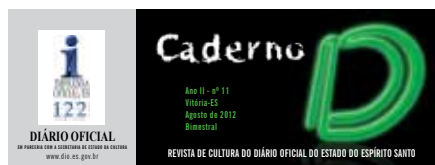


tando documento de identidade e comprovante de residência. Em seu acervo, obras de literatura e várias obras do conhecimento humano. Além de atlas, enciclopédias, almanaques, dicionários, obras raras, jornais e revistas.

Setor especializado da BPES

disponibiliza também obras em Braille, leitura oral, CDs, gravação de textos e serviço de empréstimo de livros à distância.

Vá conhecer de perto a Biblioteca Pública do Espírito Santo. Um mundo de conhecimento espera por você.



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

ALCIO DE ARAÚJO
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

CHRISTIANE GIMENES
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Foto Capa:

Renato Carniato

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



O *cinema* capixaba em novo patamar

Em termos nacionais, a produção cinematográfica capixaba não é das maiores e nem surpreendente - salvo as exceções de praxe. Concentrada nos curtas-metragens, exhibe encorajante persistência. E aí aparece *As Horas Vulgares* (2011), obra que arriscamos considerar um marco na produção audiovisual do Espírito Santo. Projeto vencedor de edital da SECULT, é filme que parece tomar para si, descuidada e ousadamente, a opção de modificar a idéia que usualmente se tem das potencialidades do cinema realizado por aqui.

Não se deve minimizar a questão do tamanho. Com seus 123 minutos, *As Horas Vulgares* coloca-se, já de partida, numa situação quase exclusiva. Fôlego para sustentar uma história que preencha cada minuto de um filme desses, sem perder vigor e ritmo, exige mais que habilidade, disciplina, foco. Um desafio artístico que não deve ser subestimado.

Mas também não deve ser isto o principal a se destacar nesta obra, primeiro longa-metragem de Vitor Graize e Rodrigo de Oliveira. O que sim salta aos olhos nele é a vontade de irromper diferente do que já foi produzido cinematograficamente no Estado, tanto no plano da narrativa, quanto no do narrado. O filme parece ter um olho crítico e petulante, voltado para os cineastas capixabas, e outro sedutor, para seus pares de além-limites do Estado e para um público seleta e ubíquo. *As Horas Vulgares* resulta, assim, num trabalho milimetricamente calculado, história contada com obsessiva e complexa racionalização estética. Eis algo diferencial.

Livremente adaptado do romance "Reino dos Medas" (Reinaldo Santos Neves, 1971), *As Horas Vulgares* - filme - conta uma história de amizades, sentimentos intensos dificilmente co-

municáveis, relações platônicas, sonhos irrealizados e gradativas perdas. É uma obra densa e delicadamente soturna, filmado num elegante preto & branco rigoroso. De uma seriedade sufocante, chama a atenção pelo modo como materializa personagens ensimesmados numa travessia existencial tortuosa, amigos a atravessar noitadas em conversas definitivas, temperadas a vinhos e jazz. O contexto, caso apareça na trama, o faz através de uma vaga e vigorosa insatisfação, manifesto de uma juventude superlativa no desejo e na imprecisão de seus sentimentos de incompletude. Extremado, o filme une tragédia com autocomplacência.

Outro importante atributo de *As Horas Vulgares* está no modo como desfigura a cidade, tornando-a não exatamente irreconhecível, mas universal. Vitória transcende a si mesma, torna-se um lugar qualquer, um sentimento íntimo, na verdade, para todo aquele que se abandonar na identificação com o filme. Neste sentido, a intenção se realiza. Trata-se, sobretudo, de um filme contemporâneo, mas para um público escolhido a dedo. ■



Alexandre Curtiss é Professor do Dep. de Comunicação Social da UFES; pesquisa cultura audiovisual e narrativas filmicas diversas. Coordena o GRAV, desde 2004



CAPA

De passagem, Ga

Pasolini dizia que era "... absolutamente necessário morrer, porque a morte realiza uma montagem fulminante de nossa vida: ou seja, escolhe os seus momentos verdadeiramente significativos." Por dias e dias busquei gestos, cartas, escritos, no desejo de rascunhar meu pai, pessoa que conheci por vinte e poucos anos - um nada. O tempo fez das suas: nem um segundo a mais daria músculos extras à figura inesquecível que ele foi.

Barroco como Roma, diria dele. De brilho e sombras, grandeza e rusticidade, silêncios cinabros. Tragicidade à flor da pele, névoa divina a cobrir-lhe alma e pensamentos como veste translúcida, a fé italiana da mãe de terço e altar e a meninice no seminário lhe foram definitivos. Ele e o colega Dionísio Del Santo tinham espesso jeito de aquietar a testa antes de devolver qualquer crítica, como se uma palavra mal dita, fugidia, lhes rendessem em troca mil caraminholas de um suposto mestre severo. Herança cristã, na certa.

Alvino falava grego, lia em latim: de gramática à poesia. Até atinou ser padre, o colégio era sensato, bastava seguir a linha. A disciplina dessa época carregou consigo vida afora - espartano servidor de mil anos -, e mais a paixão pelo perfume do vinho, a ilusória sensatez do certo e do errado. Sonhou cedo em ser advogado, mas formou-se antes em jornalismo, no Rio. O trabalho na redação foi sem trêguas. A viagem com sol à Itália de origem dos pais quebrou temporariamente essa rotina.

A lua no céu, qual bola amarela, como me falaria dela? O que melhor descreveria esse homem: ensaio literário, um recital, uma viola, peônia encarnada, Noel, Pixinguinha, pintassilgos? Doidivanas nada! Não era estouvado, cabisbaixo vez por outra. Gostava da casa cheia de amigos, flores, quadros,

música... De arroz doce no café da manhã, de caqui madurinho. Noites e noites adormeceu com Elizeth Cardoso cantando Chão de estrelas. Ainda que, religiosamente, ouvisse Caymmi soprar que era "doce morrer no mar...", do mar achegava-se com melindre. Talvez, a admiração por Milão e São Paulo, fora a alegria de tropeçar em livrarias a cada dez passos, selasse a correta distância do assombro das águas. Daí que filhos e praia sempre lhe pareceram dissonantes, apesar de - ironia - ter tido três meninos surfistas.

Seu Bizé, Daniel, Lídio, com eles a prosa rendia. Leve, com fidalguia, nobres senhores pescadores a tecer teorias sobre a chuva do dia seguinte, o vento revoltado, cavalos e areia branca, homem pisando na lua.

Trinta e poucos anos passaram-se desde as suas últimas crônicas publicadas. Que razões dar a quem não o conheceu para revirar seus escritos afiados, afinados, delgadas nesgas de uma intimidade vaga e banal, letrada e singular de tantas personagens? Às vezes, o tom da voz, um foulard de pois, a cintura bem marcada, um cigarro atordoado eram motivos para pegar a máquina e teclar. Esse apressamento tinha o dom de apanhar desprevenido o escolhido ou escolhida em questão, que, sem tempo de montar a farsa, era colhido nu e cru.

Por Yara, de imensos olhos verdes néon maquiadamente sombreados como turmalinas melancia, a pele blush pêssego, cairia de amores. Amor, aqui, do criador por sua criatura, o que certamente seria. Se enfileiradas como soldadinhos de chumbo, os tipos que nasciam de seus minúsculos contos teriam poucas semelhanças entre si. Era esse corte fugaz, único, que o Gatti - como Cacau o chamava, parceiro de muitas travessias - fixava em letras como instantâneo fotográfico.

Lá se vão dezenas de nomes e histórias

Pupa Gatti
pupagatti@gmail.com

Gatti e Pappini

registradas: Dejanira, Maria Flor, Terezi-
nha, Artuzinho, Marcionília, Zilda, Clotilde,
dona Orminha, um garçom e nada mais, a
mulher mignon... A quem se desse ao tra-
balho inspirariam peça para palco italiano,
roteiros de cinema nos molde de Ladrão de
bicicletas e Os boas vidas.

Vontade de assinar autobiografia nunca
teve. O exercício da escrita tornou-se foras-
teiro a certa altura. De certo achava sem
sal um cotidiano marcado pelo relógio de
corrente metálica, inerte demais para en-
cher páginas de livro. Valeu se esgueirar?
Nem de longe. Basta colar sem ressaltos
solos dos que habitam a sua prosa. Como o
velho conhecido, que partiu dessa para me-
lhor “num motel, com a outra. Não o per-
doaram, menos pelo fato, mais pela hora,
sete da manhã, viagem fingida, madruga-
ção safada, naquela idade, podendo ser avô
de quem se fazia amante...Sete horas? Da
manhã? Não dá para entender...”

As mulheres o dividiram em um de carne
e charme e em outros inventados como At-
tilio Papini e Mar-Te-Co. Foi “feitor” de mu-
ltas damas. Tanto fazia as sem viço, quanto
as que o rondavam quase sem pés fincados
em assoalhos. Certa vez, desabafou: “Ado-
ro as mulheres de cabelos longos...” Logo,
uma leitora quis à força sondar o cronista a
respeito da ‘criatura ideal’. Em crônica, res-
pondeu-lhe: “...Há de ser quase esquiva às
nossas palavras exageradas e aos nossos
carinhos em demasia. Há de saber esperar
as coisas com aquela paciência que torna o
tempo mais suave e menos pesado...”

Anos mais tarde, tornou-se inquieto.
Pesavam a idade e os projetos desfeitos.
A certeza do passado com vigas levou-o a
repensar desvarios evitados por precaução
e decência. De uma possível lista de meia
dúzia, escolheu um: montar uma moto. Em
domingo acinzentado e sem brisa, saiu. A
falta só foi notada quando vieram avisar

que “seu Alvino tinha caído”. De cara, ne-
nhum arranhão singular. O osso da mandí-
bula deslocou-se e houve achatamento da
face. A tristeza maior, no entanto, embol-
sou. Diante do veredicto da vida dispensou
ali mesmo a ousadia tardia, encerrando de
vez a carreira de aventureiro.

Gestor público de país utópico, desenha-
va planos para um Estado administrati-
vamente ágil. Nas lutas dos trabalhadores
italianos esbarrava todos os dias enquanto
morou em Milão, na década de 1950. Rá-
pido agregou-as ao espírito. Tratou, então,
de formular um modelo político que o per-
mitisse colocar em prática o que acreditava
nas ocasiões em que ocupou cargos de se-
cretário nos governos estaduais. Decepcio-
nou-se mais de uma vez.

Falta de ensaio para enfrentar o mundo?
O tamborilar dos dedos sobre a mesa de
jantar retratava a calma do pai. O pai e
sua mansidão. A mãe cuidava das horas:
às 3 café a moer, às 6 pão doce a assar,
às 10 almoço em ponto, às 14 biscoito de
polvilho com coco, às 18 sopa de feijão com
macarrão no fogão à lenha. Posta a noite,
reunião no quintal. A família acomodada
em cadeiras de palhinha observava calada
o anúncio luminoso em vermelho, apenas
letras passando de lá para cá, lá longe.

Fora do seminário e da casa materna
um mundo outro, menos matemático, lhe
propunha enigmas. Entre o feijão e o so-
nho equilibrou-se a muito custo. Em carta
a Rubem Braga, queixou-se: “...Não sabias,
porventura, que estavas falando em vão? ...
Bem fizestes que te foste e, a estas horas,
deves estar aí por Paris...Mas foste daqui
enrouquecido. Com a garganta doente de
tanto falar. E isto é muito triste... Que se
há de fazer senão esperar?...”

Agosto foi para Alvino mês de muitos pon-
tos finais. Em lembrança à sua memória,
que o fim do texto assim se cumpra. ➡



Pupa Gatti é jornalista
e atuou como repórter,
redatora e editora do
jornal A Gazeta. Formada
em Artes, dedica-se
atualmente à profissão de
docente. Nesta matéria
especial para o Caderno
D, ela conta um pouco da
intimidade do escritor.

CAPA

PELO AMOR DE DEJANIRA

Dejanira resolveu morrer na manhã clara e quente de um sábado, quando as flores de tornam mais difíceis e as Dalmas já se vestem de domingo. Mesmo assim, lá estava ela, envolvida de estranho perfume entre o requebro de pavios e desodorantes de emergência. Era estranha a Dejanira, tradicional moradora do final da rua, onde curtia o mistério de se só e gerava o sortilégio de todas as fantasias. Nem moça nem velha nem feia nem bonita. Dejanira apenas, de corpo desejado, um corpo cru, sem amarfanhamentos, sem contornos violentos e marcantes, moldado com exata obediência e parâmetros de proporcionalidade. Talvez por isso, quando passava no abandono de ser assim, arrastava uma provocação comedida, estranha, diferente.

Fosse como fosse a Dejanira, gora estava ali. Nem feia nem bonita, nem moça nem velha, serena e quieta, alheia ao reboço de todos os olhos, comentários e cochichos, piedades, lamentos e indignações. Até mesmo o fato de ter usado formicida, gesto de pouca imaginação que poderia transformá-la em pessoa comum, alterou o clima de mistério que a cercava. Afinal formicida estraga as tripas ou equivalente e essas nunca marcaram ponto na vida estranha de Dejanira. E isso nem transparecia o rosto de Dejanira, quieta como sempre fora, em feia nem bonita nem moça nem velha, dona de um corpo igual, torneado sem exageros, e que apenas lembrava acama, extravazamentos, sigilos, insatisfações e gemidos.

Não fora s subsequente norte de um alfaiate vizinho de Dejanira, sua missa de sétimo dia teria sido tranquila com todos os votos de que sua alma, Mem feia nem bonita, nem moça nem velha, repousasse em paz entre as outras duzentas mil almas carentes de orações. Não fora aquele bilhete em ritmo de tango, dizendo apenas morro por ti Dejanira e assinado por Clodoaldo, a missa de sétimo dia teria sido tradicional gesto de piedade cristã inserido nos classificados de uma gazeta qualquer.

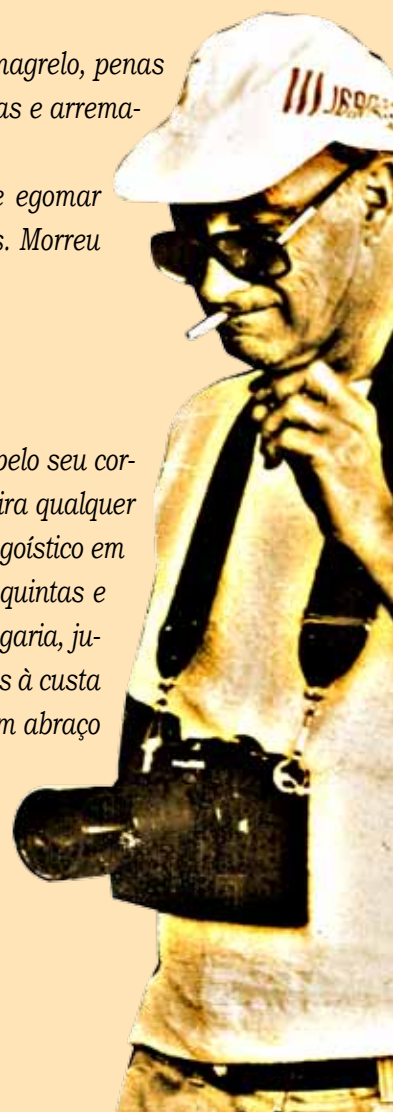
Clodoaldo, porém, quis marcar seu amor a ferro e fogo, afirmando-se contra seu nada ser, magrelo, penas cruzadas, enfia-e-puxa de agulha e linha, na alfaiataria mambembe, ignaro acabador de calças e arrematador de paletós.

Encontram-no magrelo e sem ser, esticado no assoalho da alfaiataria, o enorme ferro de egomar potencializado ao máximo de sua quentura, dois ou três dedos adentrado na caixa dos peitos. Morreu profissionalmente, pelo amor de Dejanira, bilhete na mão esquerda e agulha mão direita.

MENTIRA

Garantiu-lhe que tudo era mentira, que não a amara nunca, apenas sentida atração física pelo seu corpinho bonito, apenas quisera terá sensação de uma conquista fácil jurou que nunca sentira qualquer outro tipo de sentimento por ela, que todas as frases que lhe dissera faziam parte de um jogo egoístico em que ele deveria vencer que todos os presentes foram dados com segundas, terceiras, quartas, quintas e décimas intenções, jurou que tudo aquilo tinha sido uma brincadeira, queria ver até onde ela chegaria, jurou que tudo fora uma farsa, que até comentava com amigos esse tipo de aventura e fazia apostas à custa dela. Jurou que tudo tinha sido assim, falso, verdadeiro, fajuto e mentiroso. Disse tudo isso num abraço sem fim e sentiu que suas lágrimas eram afluentes das lágrimas dela.

Extraído do livro ALVINO GATTI/crônicas - Edição póstuma - 1987



A cultura *jovem*, da internet para a TV

Li uma vez um artigo que anunciava o fim da TV. O autor analisava um seriado americano famoso e pregava a “TV 2.0”, em meio a temas como pirataria, produção multimídia e audiência do Youtube. Entre equívocos e acertos, uma constatação: a TV de hoje não é mais a mesma de 10 anos atrás. Isso porque a forma como nos relacionamos com os conteúdos midiáticos está mudando.

Um estudo do Interactive Advertising Bureau sobre hábitos de consumo de mídia no Brasil, realizado com 2.075 entrevistados e divulgado esse ano, mostra que o país já conta com 80 milhões de internautas, numa curva ascendente muito inclinada. O mesmo estudo mostra que a internet é o meio mais importante de obtenção de informações e entretenimento para 82% dos entrevistados.


Um outro estudo do Ibope/Nielsen Online, amplamente divulgado no ano passado, mostra que 76% dos adultos usuários de internet dizem que navegam na web enquanto assistem a aparelhos de televisão. Desse número, 54% garante que posta, durante esse tempo, mensagens nas redes sociais comentando a programação. Uma pesquisa do Ibope Mídia realizada com usuários de vários meios de comunicação sobre convergência na era digital e divulgada em 2009, revela que 81% deles importam-se mais com a qualidade da informação, do que onde a encontram. Diante dos dados, não dá para dizer que o papel político da TV está diminuindo. Mas é possível dizer que ela não está alheia à mudança dos hábitos no consumo de mídias da audiência.

Yah! TV

Em julho desse ano, estreou na TV

Educativa do Espírito Santo o Yah! TV, iniciativa do Programa Rede Cultura Jovem, cuja realização é da Secretaria de Estado da Cultura e a execução do Instituto Sincades. O programa semanal é uma janela para a produção cultural da juventude capixaba, e exibe vídeos feitos pelos núcleos de criação audiovisual, entrevistas, making of e reportagens. Utilizando os mesmos princípios que norteiam a Rede Cultura Jovem, o Yah! TV sustenta-se na autonomia dos coletivos artísticos e nas redes descentralizadas, incorporando, tanto na sua dinâmica de produção como na sua concepção estético-videográfica, a lógica colaborativista e multimidiática presente no ambiente web.

O resultado é um programa com ritmo diferente do convencional, cujo sentido é construído a partir da mixagem de vinhetas animadas, vídeos de dispositivos móveis enviados por colaboradores e quadros pré-gravados, sem a presença de um apresentador que conduz o telespectador durante a sua navegação ao longo de cada edição. A lógica não-linear está presente tanto na concepção de cada um dos quadros, quanto na junção de todos eles numa única edição, o que desafia as propagandas “regularidade e persistência” dos meios de massa tradicionais.

Um programa que se propõe a levar a lógica da internet para dentro da “caixa mágica” não poderia deixar de pensar num site interativo, com conteúdos extras, que permite a montagem de playlists por edições, quadros ou assuntos. Para assistir, basta sintonizar a TV Educativa (Canal 2 da TV aberta) todas às quartas-feiras às 20h, com reprise aos sábados à 19h30, ou acessar o portalyah.com/yahtv. 



Leonardo Lopes é jornalista e responsável pela comunicação do Programa Rede Cultura Jovem

PAISAGEM CULTURAL

Paisagem dos *Pontões*

A paisagem contribui para a formação de culturas locais, e representa um componente fundamental para a qualidade de vida e para a consolidação identitária das comunidades. Falar de paisagem é discorrer sobre visões distintas do pensamento que se aproximam na medida em que transcendem do campo da percepção para a materialidade concreta em constante transformação. Dessa forma, as paisagens acham-se carregadas de informações que por sua vez dependem da contextualização no tempo e no espaço.

O estado do Espírito Santo possui uma diversidade de paisagens. Em seu conjunto geográfico-natural, destacam-se além das praias, o traçado dos vales e montanhas, situados principalmente no centro-oeste e sudoeste do estado. No município de Pancas, o destaque fica por conta contrafortes da serra dos Aimorês, os Pontões capixabas. Quase nunca isolados, os pontões do norte capixaba (também chamados monadnocks) frequentemente se estendem até Minas Gerais, configurando o desenho predominante dessa região. Os Pontões como elementos de excepcionalidade da paisagem natural poderão vir a ser ponto de articulação entre o global e

o local enquanto especificidade concreta para o desenvolvimento do ecoturismo e, por conseguinte, da região.

No âmbito legislativo, a Paisagem Cultural fundamenta-se na Constituição Federal 1988 (Art.216) que já remete à questão do patrimônio não estar restrito a um determinado bem material, mas amplia para as mais diversas formas de representação, inclusive os bens de natureza material e imaterial que incluem também as diversas formas de expressão paisagística. Outro instrumento legal que veio reforçar a proteção da paisagem é a Chancela da Paisagem Cultural Brasileira (Portaria 127 IPHAN). Entretanto, para que a Chancela seja aplicada à região dos Pontões é necessário o estabelecimento de um plano de gestão respaldado pela comunidade e instituições de Governo. A realização do I Seminário Patrimonial de Pancas tem este objetivo, justamente sensibilizar e envolver a população e gestores públicos sobre a política de preservação e motivá-los para o reconhecimento do bem natural público de excepcional valor.

Na escala de ação do poder local, a proteção poderá resguardar o bem natural e a qualidade da paisagem; mas por outro lado, implica também



Isabella Muniz Barbosa é Dra. em Arquitetura e Urbanismo pela Fac. de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU/ USP). Trabalha no IJSN.



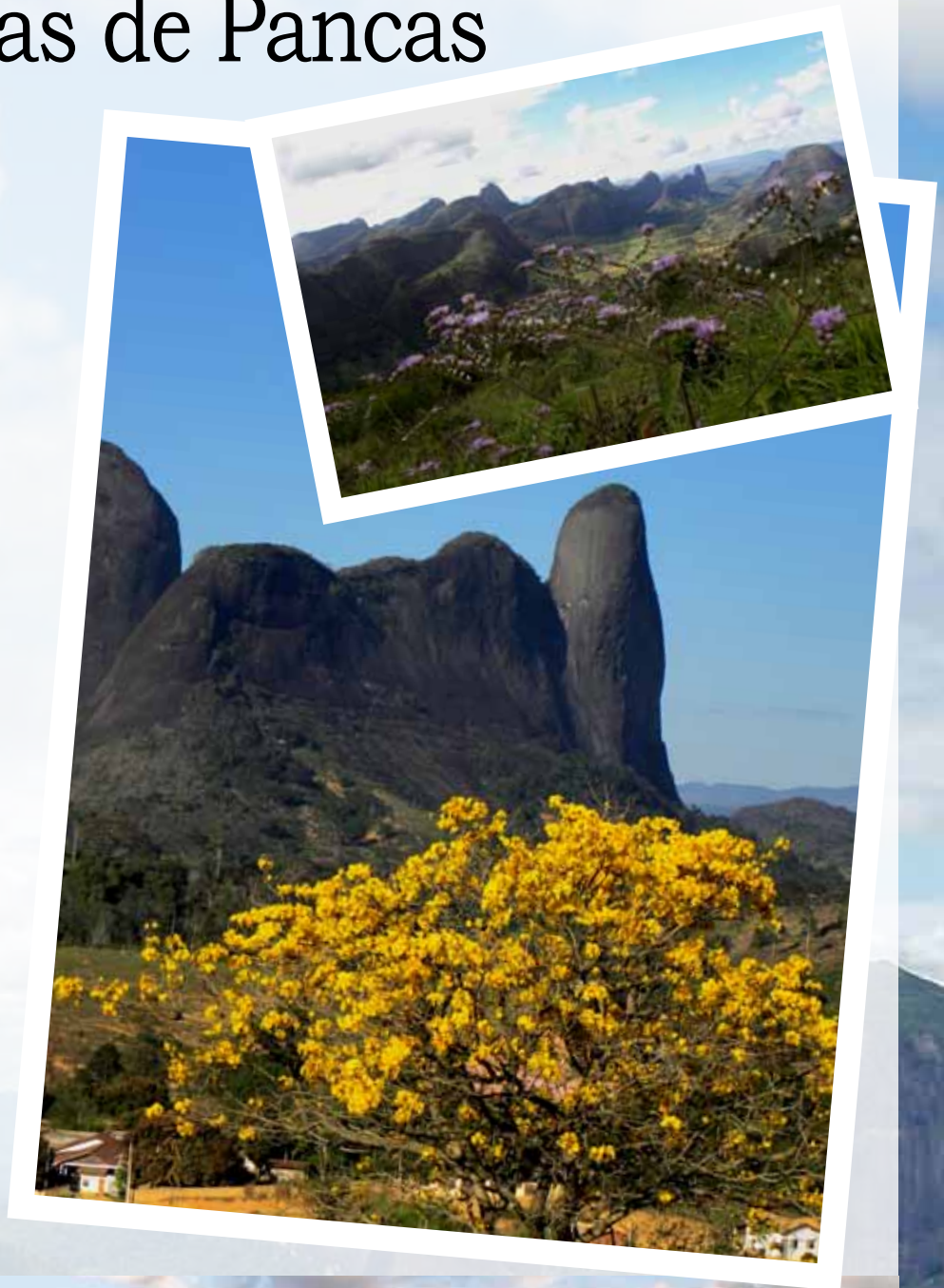
Isabella Muniz Barbosa

isabella@ijsn.es.gov.br

ões Capixabas de Pancas

em potencializar a opção pelo ecoturismo como estratégia de desenvolvimento. Entretanto, importa saber de que forma o incremento do turismo irá impactar os moradores na escala do cotidiano? o cidadão percebe que a paisagem de seu espaço de convivência afeta sua qualidade de vida? Nesse sentido, uma das questões que mais preocupa é o choque cultural, bastante frequente nas comunidades mais despreparadas, pois o turismo ao mesmo tempo em que expõe uma imagem positiva de um determinado lugar através da publicidade, continuamente realimenta esta atividade econômica, num fecundo processo expansivo.

Portanto, a dimensão social quanto à proteção da paisagem pressupõe interesses diferenciados, tanto nos processos que a produzem como dos atores que dela se servem, revelando ações que podem gerar impactos positivos ou não. O processo de produção paisagística é político e social, e qualquer estratégia que ignore um ou outro estará sujeita ao fracasso. A inserção de processos sociais participativos na reivindicação do direito à qualidade de vida e a fruição de belas paisagens promove a esperança de reconciliação entre homem, natureza e cultura. ■



LITERATURA

A *literatura* infanto-
mulher

A literatura infantojuvenil, por ter sido atrelada à pedagogia em sua gênese, teve de vencer, às duras penas, o traço de utilitarismo que a relegou, até por volta de 1960, ao posto de arte menor. Dos anos 70 para cá, os leitores foram presenteados com obras que, cada vez mais, colocavam em cena a valorização da pluralidade cultural. Os programas de incentivo à leitura, o aumento do número de livrarias e de editoras, a democratização do ensino e o crescimento do público leitor foram fatores que contribuíram para a divulgação dessa literatura.

No Espírito Santo, uma safra de excelentes autoras foi revelada graças aos concursos literários organizados pela FCAA (UFES) e pelo Departamento Estadual de Cultura: Ledy Firme, Wanda Santos Sily, Maria Helena Hees Alves, Kátia Bento, Silvana Pinheiro, Valsema Costa, para citar algumas.

Mas os desafios não foram poucos. Silvana Sampaio, por exemplo, ganhou o prêmio de 1º lugar de literatura infantil do DEC, em 1994, com *Aventuras de um vermelho inquieto*. No entanto, só teve seu livro publi-

cado, em 2000, pela Lei Rubem Braga. O Vermelho, cansado de se sentir preso entre quatro retas, foge de uma das telas de Mondrian e inicia uma viagem, pela História da Arte, em que vai (re)descobrir a si mesmo e ao outro: “Pararam diante de um quadro onde uma mulher semi-nua, empunhando uma bandeira vermelha, branca e azul, corria entre mortos, feridos e pessoas armadas” (p. 24). A perspectiva interdisciplinar desse livro amplia os horizontes da criança e do jovem na construção do conhecimento de mundo.

Outras escritoras, igualmente determinadas e comprometidas com o público leitor, publica(ram) suas obras com recursos próprios. Esse é o caso de Neusa Jordem Possatti, com seu livro *Ciça* (2000), já na quarta edição. A protagonista, negra e pobre, reaprende a viver com alegria após um momento de extrema dor e tristeza, sempre contando, é claro, com a amizade de seu inseparável amigo Filhote. “É segunda-feira de sol. Volto para a escola. Os meninos me encaram com olhar de pena. Ao menos



Karina de Rezende Tavares Fleury é Doutoranda em Letras (UFES) e membro da AFESL

Karina de Rezende Tavares Fleury

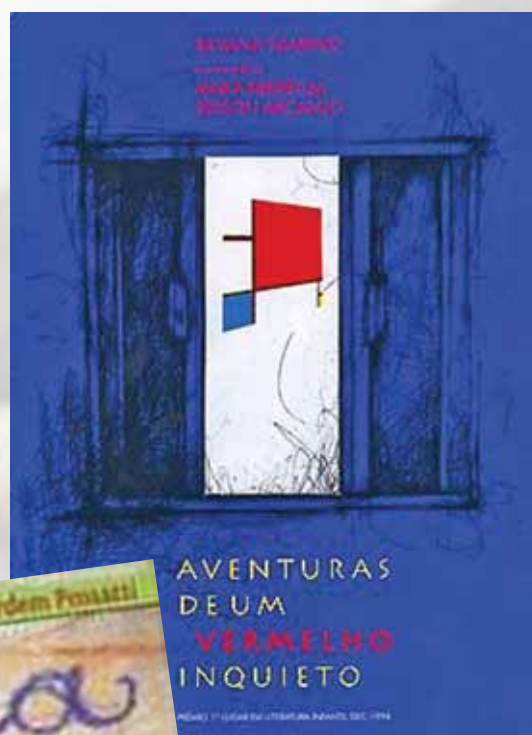
karina.fleury@gmail.com

juvenil produzida por es no Espírito Santo

me olham. Depois reparam em minha roupa e em meu chinelo costurado [...]” (p. 20). Tudo isso, e muito mais, faz de Ciça uma menina especial! Neusa dá ao leitor uma importante lição de vida: a de que é preciso ter esperança.

Em 01/10/2011, Maria Amélia Dalvi escreveu, em *Leitura proibida para quem é chato e bobo* (Pensar, A Gazeta, p. 12), que “nos últimos cinco anos, a literatura infantil produzida no Espírito Santo apresentou trabalhos marcados por diálogos intertextuais, respeito às diferenças, folclore e filosofia”. De fato, parece ter ficado para trás aquele tempo em que a literatura para crianças esteve a serviço do aparato ideológico do sistema capitalista, ora priorizando o caráter evangelizador, ora o pedagógico.

Agora é preciso que estudiosos e pesquisadores procurem refletir, produzir e ampliar o cânone literário, (re)formulando o repertório teórico-prático acerca das modalidades de representação apontadas pela literatura infantojuvenil. Parece fácil como uma brincadeira de criança? Mas não é não! ■



LEITURA

A *leitura* em t

Ela havia afirmado dias antes que não tinha tempo para ler. Trabalhava o dia inteiro e sua vida acadêmica se limitava às aulas no curso de graduação. Disse certa vez não compreender quase nada do que eu dizia e não pareceu associar isso ao seu próprio repertório limitado. Naquele dia, cheguei à sala de aula uns 30 minutos antes do horário e ela já estava lá, navegando em um dispositivo que, para mim, parecia um telefone celular.

Sentei-me pensando em aproveitar o pouco tempo que tinha para ler parte do capítulo de um livro que acabara de comprar. Li por uns 15 minutos enquanto ela navegava, contemplativa e atenta. Resolvi puxar conversa. Sem tirar os olhos do aparelhinho, falava comigo por meio de sons monossilábicos que poderiam ser qualquer coisa: aham, uhun, ahh... Os olhos, diante da minha insistência naquela prosa de mão única, pareciam implorar para que eu a deixasse em paz.

O episódio me fez refletir sobre os relacionamentos, o diálogo, as redes sociais e o antigo hábito de leitura. E nessa reflexão corro o risco do pensamento simplista de que os meios impressos estão sendo cada vez mais engolidos pela leitura on line. O que se percebe no

dia a dia, no entanto, é uma aparente falta de interesse pela leitura entre jovens e, principalmente, jovens universitários. No caso da minha aluna, ela não tinha entre suas prioridades a leitura e dava a desculpa da falta de tempo. A leitura era apenas mais uma obrigação a que alguns professores a submetiam.

Na contramão do reducionismo que proclama o fim do livro, a 3ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2011 pelo Instituto Pró-Livro, constatou que o brasileiro está lendo mais do que lia há 10 anos, quando foi realizada a primeira edição, em 2000. Os dados da pesquisa podem sugerir que a relação entre internet e leitura não é tão permissiva assim. O escritor Pedro Bandeira, em entrevista à Rádio CBN por ocasião da realização da Festa Literária Internacional de Paraty, considerou que a internet tem sido uma aliada na motivação e no crescimento do índice de leitura no Brasil. “Quem lê bem livros, lê melhor na rede. Quem não lê, navega a esmo”, foi o que disse.

A questão que se coloca como urgente é identificar os sentidos produzidos pela leitura na população a partir da nova configuração da sociedade, imposta pela cultura



Marcilene Forechi é Jornalista, mestre em educação e professora da UVV

Marcilene Forechi

marcileneforechi@terra.com.br

Tempos de redes sociais

mediatizada e de espaços e tempos fluidos e pouco delimitados. E isso tem que ser feito à luz de questões históricas e culturais, que sempre aprisionaram o conhecimento nas salas de aula e levaram à ideia utilitarista da leitura. O hábito da leitura como atividade prazerosa ainda é algo distante da nossa sociedade, educada como sempre foi pela imagem – a televisão ainda continua sendo o principal meio de entretenimento da população brasileira.

Estimular a leitura passa a ter, então, um sentido muito maior do que simplesmente disponibilizar livros e espaços apropriados. Trata-se de romper barreiras, de propor estratégias que

envolvam os vários campos formadores da sociedade – escola, família, igrejas, comunidades. Ignorar as novas tecnologias e tudo o que ela pode nos proporcionar seria como dar um tiro no pé. A página do livro impresso, como nos lembra Pierre Lévy, imita o território, com suas fronteiras e suas linhas, que poderiam ser comparadas aos sulcos na terra à espera de serem semeados por signos que ficarão à espera da colheita da leitura.

Na cultura da internet, da instantaneidade e da virtualização

das relações, a página se transforma, mas permanece o texto. A página moderna não oferece limites e parece nos acenar com uma nova forma de compreender a complexidade do mundo e das relações. O pesquisador Pedro Demo diz que no Brasil o ato de ler e sua relação quase natural com o ato de estudar podem levar ao desinteresse pela leitura. Dissociada, desta forma, de qualquer atividade que seja prazerosa, a leitura passa a ter um caráter utilitarista que limita a possibilidade da produção e do compartilhamento do conhecimento. ■



MÚSICA

O *tecno* em

Marcus Neves é professor do curso de Música da Ufes e artista sonoro

A pergunta é costumeira: “Qual instrumento você toca?” A resposta, às vezes, assusta: “- Computador.” Desde o final dos anos de 1950, com a criação da família de softwares de síntese sonora, a Music N, de Max Mathews, para computadores de grande porte, abriu-se a corrida para o desenvolvimento de máquinas e softwares para o campo da música e o computador, assim como o gramofone, o gravador de fita e o alto-falante, foi elevado ao status de instrumento musical. O surgimento dos computadores pessoais nos anos de 1980 ampliou o acesso direto à tecnologia musical, assim como a produção cada vez mais acurada de softwares de edição de partitura, manipulação de áudio digital, sequenciamento Midi e síntese sonora e processamento de áudio em tempo real. Hoje, estes já ganharam espaço no mundo dos smartphones como aplicativos de fácil manuseio.

Eis então que resolvi consultar alguns profissionais capixabas com perfis diversos dentro do labor sonoro sobre a importância da tecnologia – o que inclui o uso do computador como interface – nas suas poéticas.

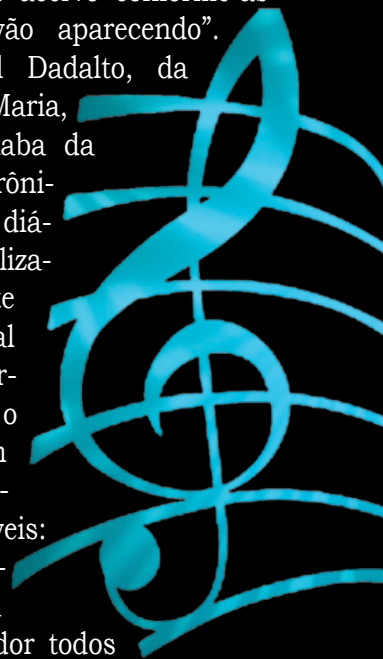
Do risco ao disco: Léo Molini, músico e técnico de som, diz que o aprimoramento do ambiente digital e a “ampliação das ferramentas

de gravação e edição de áudio facilitou o processo de experimentação composicional”, logo permitindo cada vez mais mecanismos de maior precisão para a elaboração de trabalhos artísticos visando ao acesso ao mercado musical.

Para Hugo Cristo, músico e professor universitário, a tecnologia é um catalisador de sua relação com a produção musical: “ela acaba funcionando como um sketchbook onde eu capturo e organizo esboços, sons, efeitos, loops e instrumentos virtuais para explorar aquele ‘acervo’ conforme as demandas vão aparecendo”.

Para Marcel Dadalto, da Banda Zé Maria, marco capixaba da música eletrônica, a labuta diária e a atualização constante é essencial para o aperfeiçoamento no trato com as ferramentas disponíveis: “costumo fazer música no computador todos

os dias, como um exercício de aprendizado. Acho incrível a possibilidade de começar uma música em algum app de celular e depois finalizá-la em softwares de edição



Marcus Neves

marcus.neves.98@facebook.com


logos hoje

no computador”.

Experimento: Criador do Projeto Multisensorial, Edward Marilyn, ligado à tríade arte, ciência e tecnologia, busca ferramentas no mundo digital para desenvolver um trabalho multimídia que possibilite despertar sensações e sentimentos no indivíduo. O VJ Murilo Esteves, membro do PixxFluxx, referência em mapping no Estado, aponta que o trato com códigos binários e programações é um meio para exprimir de forma audiovisual suas influências transdisciplinares, tendo o computador como interface principal para realização do seu fazer artístico.

Hard: Herbert Baioco, cujo trabalho é pautado nos hardwares através de técnicas do Circuit Bending, pensa na tecnologia “como

ferramenta de interação e interferência no mundo, pois em uma instância o mundo que nós escutamos é também produto da tecnologia, mundo habitado por seres humanos com ouvidos humanos”.

Hoje no cenário capixaba, evidenciam-se cada vez mais variados perfis que se utilizam dos recursos disponíveis para alargar, não só o conceito de instrumento musical, mas incorporar ao fazer artístico um diálogo frequente na busca por novas ferramentas para a criação, novos modos de fazer, eco da etimologia da própria palavra tecnologia. 



FOTO

Mônica Zorzanelli

monica.zorza@gmail.com



Barcos ancorados
no canal de Camburi

SECRETARIA
DA CULTURA



GOVERNO DO
**ESPIRITO
SANTO**

CRESCEMOS COM A GENTE